

COSMO LITTERARIO

Anno I

Redactor M. A. Major

N. 3

Parte Litteraria

Resurreição.

Surrexit....

Estalou-se a lapide d'um sepulchro, quebrou-se a prepotencia da Morte, finalizaram-se as maximas erradas de preteritos philosophos, derrocarão os edificios do materialismo, apareceu uma luz cuja irradiação deu vista aos cegos, ouviu-se uma voz tão sonora que os mesmos ouvidos surdos escutarão-na; era ainda uma obra magnifica, era um Deus que resuscitando comprovava as prophecias e sellava todos os seus dogmas, e se a sua morte purificara a humanidade da culpa original, a sua resurreição abre a epocha gloriosa da perfectibilidade do genero humano, e faz encelar-se uma estrada suave que conduz ao Paraíso, onde goza-se os sempiternos fructos da bemaventurança.

Atravez dos seculos, a Igreja solemnisa o acto preclaro e infinito da Paixão por entre crepe e lagrimas, e hoje veste-se

de galas e festiva entoa gratos canticos em Louvor do Eterno e queima o mais puro dos incensos em sua gloria.

Corramos ao templo, gerações sabias, corramos e de nossos corações façamos um só e que todos arfares e tendencias volvão-se para Deus; porque mereceremos D'elle um continuo goso de venturas e felicidades.

CONCEPÇÕES E PHANTASIAS

PAGINA TERCEIRA

O poeta

À Carlos de Gusmão.

Poeta — é teu condão cantar no mundo,
Deus fadou-te ao nascer;
Passarás como o cysne em lago d'ouro
Cantando até morrer.
(Rozas e Goivos)

No desenrolar magestoso do passado, na galeria obumbrante da natureza e por entre a contemplação d'essas maravilhas, que se patenteão aos olhos do homem, ávido de novidade, e cujo genio emprehendededor fal-o subir aos cumes giganteos

victoria do instinto sobre a razão, a historia austera colloca vis-à-vis outros tão diametralmente opositos que nos faz vacillar. *Poitiers, Crecy Azincourt* em primeiro lugar como premissas maiores; se o bávaro *Mercy* não fosse tão pertinaz, não perderia as batalhas de *Fribourg* e *Nordlingen* e mesmo a vida, se é que não foi um beneficio para um general vencido, e mais tarde a derrota de *Aboukir* não foi o effito da pertinacia do contralmirante *Brueys*?

Pois bem, colloquemos-nos na imparcialidade: Ha nos steppes da Calidonia uma legenda, que dá existencia a uma divindade, que elogia as cousas felizes, e chora pelas infelizes; pois bem, sejamos como a tal divindade, e que as nossas lagrimas tornem-se expressivas como os nossos elogios.

Tornemos a batalha.

Barclay de Tolly, natural da Livonia e audaz, vendo os arrabaldes tomados, conhecendo a inutilidade de seus esforços cogitando mil meios em sua mente, sentio-se, pequeno ante esse grande corso, que tudo superava, em vão invocou patrios penates e sua memoria, e nada achou que servisse de dique a esse oceano de bayonetas, então como *Annibal nos Alpes*, como *Brueys em Aboukir*, procurou conservar a cidade e fez n'ella entrar duas divisões de infantaria e a imperial guarda moscovita porém Napoleão, como elle mesmo julgára, tudo supera, faz dirigir o fogo sobre as trincheiras, que forão tomadas. Então *Barclay* tentou um novo esforço tão pertinaz como o primeiro: collocou-se atraç das muralhas: por seu turno Napoleão dirige o fogo das baterias sobre as muralhas, tão fortes quão terríveis, e obuses contra esses baluartes de granito: *Barclay* desesperava-se, *Mortier*, o duque de *Trevise*, sorria-se como o leão que tem segura a sua presa. *Augureau*, o duque de *Castiglione*, saboreava uma pitada de rapé; o Imperador com sua eterna sobrecasca olhava sereno e tranquillo para o fogo e talvez para a noite, que adiantava-se, e esse *expectador* era o unico, que impacientava-se do seu papel, e em vez de como *Josué*, pelejando os inimigos dos Gabaonitas, ordenar ao sol que parasse, elle fasia votos afim de que as trevas surgissem no horizonte.

(Continua)

Os Miseraveis verdadeiros

Romance original

DE

Manoel Antonio Major

PARTE PRIMEIRA

II

O actor

(Continuação do numero antecedente)

Os homens costumão possuir em si uma cousa que os phisicos desconhecem e que os philosophos insultão, que atravez dos seculos ha sido o typo caracteristico das grandes virtudes ou faltas, que ha trasido apoz si grandes catastrophes ou excellentes victorias; fallo da pertinacia, virtude, vicio ou defeito, segundo qualificar-se que a bem fallar, senão constitue a essencia do caracter humano, é indubitablemente um dos seus accessorios, que conduzido a essencia ou evidencia, faz compôr um dos mais bellos pontos de observação, ante o qual estacão-se os philosophos, que só com dificuldade conseguem transpor o circulo de ferro, traçado pela cegueira ou antes pela incapacidade dos mesmos: é certo que essa virtude, qualidade inherent ou habitual, continua ou passageira ha sido notada na biographia dos grandes homens e na dos mediocres.

A historia nos apresenta immensuraveis espelhos: *Annibal*, por causa de sua pertinacia, zomba do frio e das estações, vê seu exercito desmembrar-se na passagem dos Alpes, avança como se antevera victorias, despresa o medo e os nomes de *Trebia* *Ticino* e *Cannas*, cem mil romanos mortos, trinta mil prisioneiros, despojos de meia Italia e a alliance de toda Gallia são irrefragaveis documentos de que elle fizera bem superando a razão e deixando-se domar pela pertinacia, que, para *Nuteaux*, é o verdadeiro instincto do animal homem; porém se aqui esse facto parece com muitos outros convencer d'essa realidade e d'essa

d'esses rochedos, que topeteião com as nuvens, introduzir-se nas trevozas cavernas, onde dormem o sonno dos seculos os fragmentos ou inscripções do viandante, que n'ellas recolheu-se em noute de atra procella, e investigar os abysmos do oceano e as profundidades da terra, onde escondem-se as preciosidades, que infelizmente constituem hoje a ganancia de hommens sáfaros ; ha uma pagina tão brilhante para a humanidade e edulcorada na ambrosia salutifera, que atravez dos seculos ha conservado a grandeza de seu brilho, e essa pagina comtudo têm lagrimas, angustias e sangue ; porém são as lagrimas dos sublimados, são as angustias dos cysnes, cujo cantar mavioso ampliou-se pelo universo, é o sangue d'aquelles, que ardégos e resignados levarão o madeiro ao Golgotha, onde a sociedade cruxificou-os por entre o alarido da plebe, e se qualquer ler o que nós narra essa pagina ; terá reconhecido a historia do poeta, d'este ser que completa a harmonia existente pela accão da Providencia, e assim como sem o sacerdote não pôde existir o cumprimento externo da religião, da mesma maneira sem o poeta desappareceria da superficie terraquea essa melodia que deleitando—insinua-se em nossos corações como gottas emanadas do mesmo Deus ; sumir-se hão essas vozes interiores, que hão possuido imperio nas éras do preterito e que hoje são almenaras do progresso.

O poeta é o ente, que modulando em carmes suaves, o sentimento interno, as paixões e suas lutas, inspira essa melodia melancolica, que até hoje é designada como o brilho inofuscável ; os versos são o mesmo do que as formulas externas d'esse enlevo incomparável, e esses tangentes accordes arrancados pela mão habil deleitão insinuando — é a utopia realizando-se — é o bello expandido.

Influencias ou paixões ha que predominão quasi sempre a alma do poeta, eis porque vemol-o arrastando com pesar esse corpo material ; em quanto suas inspirações voão para bem longe ; eis porque nos albergues ou nos paços, no claustro ou nos salões e em todos os cantos da terra confunde se o suspiro dorido e gemebundo com esse *ai* doce e merencorio, esse *respirar* que traz o prazer e o *gemido* da afflício ; é porque as mulheres influem tanto no poeta como a religião no estado social, e se não fossem as mulheres existirão acazo esses poemas, que perdurão lutando com a accão deleteriosa dos tempos ? Se não fosse Maria Chaworth, Beatriz, Victoria Colonna a posteridade possuiria *Child-Harold*, *A divina Comedia* e o *Juizo Final* ?

Quem juito Israel celebrava em hymnos as glórias de Jehovah, quem animava os gladiadores em os amphitheatros, os guerreiros em suas lutas, os romanos em seus epinicios, os clans da Caledonia, os ethanarchas do Oriente e os paladinos das brumosas serranias da Scandinavia e os valentes soldados dos Pyrenêos ? — O poeta, e assim como elle era o astro, sob cuja influencia prendia se essa cadêa magestosa de cyclos tão inclytos como gigantescos florões architectonicos, assim também a mulher era e é para elle o susurro terno da endeixa divina, é como premio antecipado e emfim uma como premeditada recompensa de seus afans, á mulher deve elle seus cantos e quantas vezes a voz do bardo assimelha-se ao bramir rouquento das ondas d'um oceano raivoso, e quantas outras

vezes seu cantar é terno como o gorgorio do sabiá nas mattas, é melodioso como o trinado do rouxinol ? É a influencia mulheril com seu fluxo e influxo, acompanhado de um rozario tão extenso, cujas contas elle debulha por entre a alegria e a tristeza e que muitas vezes mata-lhe a alma e tira-lhe a crença, entao n'esse instante, em que a mulher é, para elle, um crocodilo, que depois de infundir terror aos Egypciacos, conseguiu ser adorado, eil-o que exclama com voz triste :

Quanta illusão me alentou na vida
Toda perdida pela mente atôa,
E hoje vejo que essa vida é nada,
E só a mente do descrer povôa.

Já tive crenças n'este peito immenso,
Que hoje exaurido do penar descança,
Ja tive sonhos infantis no berço,
Já tive amores de feliz bonança.

É tarde..... já roçarão-lhe pelos labios a taça da descrença, eil-o cambando pelos umbrosos dédalos do scepticismo conspurcando-se por entre prados, onde florescem ortigas, desprezando os lyrios candidos e puros ; porque n'um d'elles encontrou o insecto venenoso, para atirar-se no pélago das camelias, onde chafurdão proselytos d'uma theoria de conveniencias, que por infortunio ou mania do seculo fazem-se e constituem-se *mochos* de mágoa e *apregoeiros* dos paradoxos de Rousseau, dos theoremas de Voltaire, e das indignas e estupidas — theorias — de Proudhon e George Sand.

O verdadeiro poeta sauda ao crepusculo da prosperidade, a accão do Eterno ; e ao perpassar furibundo dos soffrimentos, supporta-o altivo como o ceiro do Libano, ou brando como a roseira de Jericó, e se Voltaire, Rousseau com sua *caterva* de pregoeiros, se Chatterton, Musset, Gilbert e Bocage gorgulharão-se na peçonhenta baba do scepticismo e tornarão-se partos d'essa epidemia que rôe a vitalidade da sociedade ; Petrarcha, Danthe, Camões, Cervantes e Garrett e tantos outros, apezar das intempéries, dos soffrimentos, das angustias d'um exilio e apezar d'um encadeamento de desgraças ; elles sustentarão, como Homero, Ossian e Delille, essa resignação — palma que é intrinseca ao poeta.

Quando por entre candidos lyrios, trinados do rouxinol, murmurio dos regatos e susurro do zephiro pelos laranjaes, ouve-se um acorde suave, como o echo de éolia harpa e uma voz cantando, o viandante, que atravessa taes lugares, para e attento ouve..... e depois confirma que é a perfectibilidade do homem identificando-se no poeta, que em pensares infindos constitue uma especie de Arca de Noé suspensa no Ararat, e, como eu, recorda-se d'estes versos de nosso patrício Villas-Boas :

O poeta é um homem no mundo
Que jamais outro pôde imitar,
É um ente que pensa profundo
Nos segredos dos céos a pensar

O poeta é um hymno celeste
Dos cantares do Deos creador,
Não é homem qu'imita o cipreste
Que não brota seguer — uma flor.

O poeta é o rei do universo
Dominando com suas canções,
É propheta que diz sempre em verso
Os segredos de mil corações.

Como o nauta sauda a terra apoz tetrica viagem, como o oriental sauda o raiar de Phebo, como o chaldéo que contempla e admira a astrologia, saudamos, contemplamos e admiramos o poeta; porque nelle vêmos — roza crestada e lyrio oscillante em vendaval horrendo — bella violeta atirada ao pó — petala da sensistica e quem sabe se pó e ás vezes pó impalpavel — fragmentos de bem mimosas flores e restos de bem lindas illusões!

Major.

Parte Poetica

A morte de Christo.

25 de Março de 1864.

O Christo morreu! choravão as arvores
Seus ramos deixando cahir té o chão,
— O cedro — dos bosques altivo atalaia
Chorava sósinho no fim da soiadão.

O Christo morreu! carpião nos vôos
Sem norte — nos ares — as aves perdidas
Fazendo escutar-se nos tristes estridulos
— No centro das nuvens — endeixas sentidas.

Até as palmeiras por Deos collocadas
Em tempos remotos no cimo da serra
Fazião ouvir seus prantos de dôres
Co'as palmas já murchas cahidas por terra.

O Christo morreu! bradavão os mesmos
Da morte de Christo ferozes autores;
E olvidão que trazem na fronte gravada
Palavra de fogo que diz: — Peccadores!

O Christo não morreu, Christo é a vida
Christo é a religião nunca esquecida
É o nosso soberano
É a verdade, o phanal, a luz sagrada
Que deve por nós ser admirada!

Astro do genero humano!

É a fonte d'agua viva aonde a sêde
Sacia dos mortaes que a elle adorão
É a ancore da salvação, elle é a bussola
Dos desgraçados que por elle chorão...

O Christo não morreu, Christo está vivo
O Verbo é immortal — é o lenitivo.
A' nossas agonias
O astro do Bethlem — cegueira humana
Sempre brilha — e a sua luz dimana
Até o fim dos dias.

Christo é o nosso asylo, é o nosso pai,
Elle nos mostra a immortal morada,
Habitação da vida — onde se-vê
O symbolo do templo — a Eternidade.

Senhor, se ás vezes eu a ti insulto,
Perdõa, a meu espirito dá teu culto.
Para bem, senhor, conduz minha razão.
Minhas faltas arroja ao esquecimento.
Todas minhas accões. — Ao pensamento
Do teu servo, Senhor, dá salvação.

Sê a taça na qual minh'alma beba
Permitte que o perdão de ti receba
Que de ti seja em tudo devedor,
Dá a minh'alma paz, dôce, serena
Esta dita do céo pura — e amena
A qual consiste só no teu amôr.

G. P.

A menina e a boneca

A'uma bella menina
Deu-lhe um dia seu papai
Uma linda boneca,
N'um tempo que longe vai!
Não se uzava de balão
N'aquelle tempo de então!

Tinha as saias tão alvas,
Como as alvas das vestaes,
N'este tempo de progressos
Não se encontrão saias taes
Si já cahirão em dezuzo
Eu não sei, não sou intruzo!

Como dizia, era bella....
Airoza como uma flor
Aquella linda boneca
Que custou tanto labor,
Ao mestre marceneiro
E a quem deu o seu dinheiro!

Erão scus olhos formozos,
Como estrellas scintillantes
Visto ao longe parecião
Dous pedaços de brilhantes,
Mas bem perlinho, duvido
Que não dissessem — é vidro.

Os cabellos, erão lindos,
Como os de um anjo não são
Tinhão reflexos dourados,
Do ouro na escuridão,
Mas de perto, (aqui p'ra nós)
Erão feitos de retróz!

O caso é, que alguns dias
Depois do mimo dado
Hindo o pai a cosinha
Ficou todo embasbacado
Vendo a menina chorando
E a donéca se queimando.

Amarrada a uma acha
Por um braço e por um pé,
Era um esboço pequeno
De um grande *auto de fé*!
Era assim que a Inquisição
Fazia ao mouro Christão!

Minha filha! diz o velho
Porque queimaste a Neném?
« Meu papai, diz a menina
« Ella não me queria bem,
« Era ingrata, não fallava
« Quando eu dizia que a amava!

Vêde moços n'este espelho
A grande força de amor!
Amor proprio da mulher
É um veneno traidor!
Fingi sempre ter paixão
Quando não, *Inquisição*!

N. A.

A Camponeza

A meu amigo Antonio Joaquim Teixeira Lopes

Ille ego, qui quondam gracili modulatus avéna.
Eu sou aquelle
Que n'outro tempo
Cantei na flauta
Pastoris canções.
(*Virgilius*).

I

O sol os frouxos raios tremulando,
Escondia a face rubra namorada,
Por traz da saudosa serra alcantilada,
Onde as graças e os amores vi brincando.

E foi chegando á cabana desejada,
Lyrino o triste vate namorado,
Nas azas de amor só transportado
Voa sem cessar por leve estrada.

De Emalia na cabana, que procura,
A' testada sobre a relva se assentou,
Vio-a meiga e terna logo a amou
Pensando de amor lograr ventura.

II

Era bella a pastora mimosa,
Como é bello da aurora o matiz;
Era bella mais bella que o liz
Tinha as faces brincadas de rosa

Passeando faceira dengosa,
Ia a bella pisando só flôres,
D'estas mesmas brotavão amores
Como as graças da Deusa amorosa

III

Emalia sempre esquiva,
Qual a branda sensitiva,
Resumindo tantas graças
Só de amor não palpitava,
Quando o branco seio arfava,
E fugia por negaças.

Divisando lá na relva,
Por entre a densa selva,
Lyrino o vate recostado,
Foge, foge apressurada
Cada vez mais assombrada
Cavalgava corsel pintado.

Ia a Deusa galopando
No corsel gineteando,
Quando a sorte venturosa,
Quiz que a bella fugitiva
Na queda mesmo fosse diva,
Como foi tão engenhosa!

IV

Que quadro galante!
De um vate, que amante,
A Deusa nos braços;
Do chão levantada
Se singe turbada;
E a face escondeu
No seio do vate,
Que já era seu.

Depois assentada,
Com a face corada
Da cõr do carmim,
E o vate a seu lado
No amor enlevado,
Enlevo sem sim,
Ouvia uma trova
A trova era assim:

« Eu sou Lyrino, que cantei outr'ora
« As graças todas de gentil Pastora,
« *Vatilia bella*, que nos versos meus
« Conheceu a terra, conhecerão céus;
« Captivo agora de teu brando olhar,
« Despresei *Vatilia* por fera e dura
« Pois nos teus olhos maior ventura
« Eu vejo, ó bella, que vim achar. »

Castorino Penedo de Faria.